



ID: 121529437

12-02-2026

Destaque

António José
Seguro foi
eleito com
3.482.481
votos,
um recorde
em eleições



AP

PERFIL. QUEM É O NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA E COMO QUER GERIR A CASA CIVIL

DE PENAMACOR A BELÉM, O TRIUNFO DO HOMEM “NORMALÍSSIMO”

Criou um jornal, entrevistou Ramalho Eanes, fez de “segurança” de Salman Rushdie, foi preso numa manifestação em Espanha, levou o seu gabinete no Rato para o sótão quando liderava um PS dividido. Largou tudo – e regressou. Em Belém, os *boys* ficam à porta, vai haver registo público de reuniões e Presidências Abertas “à Soares”. Por Rita Rato Nunes

ID: 121529437

12-02-2026

“De vez em quando há um ape-
lo. Eu senti-o
agora. Não é
que eu esteja
predestinado
para nada. Sou
uma pessoa normalíssima.”

— O que é ser uma pessoa
normalíssima?

António José Seguro encolhe
ligeiramente os ombros, perante
a pergunta da **SÁBADO**. Olha à
volta para a “pracinha”, o espaço
central da pacata vila alentejana
de Porto Covo, onde a família
passa invariavelmente a primei-
ra quinzena de setembro. Faltam
cinco meses para Seguro ser
eleito Presidente da República.

— É vir aqui a Porto Covo pas-
sar férias, é viver nas Caldas da
Rainha. Sou como sou. Se calhar
tenho é uma convicção mais
motivada quando a situação é
pior. Há uma certa correspon-
dência [entre este momento po-
lítico] e aquilo que aconteceu
em 2011 no PS [quando foi eleito
secretário-geral]. O partido ti-
nha tido uma grande derrota,
havia uma maioria absoluta [do
PSD com o CDS], o memo-
rando [da troika]... Nessa al-
tura, também houve muitas
pessoas que me disseram
para me guardar para dias
melhores.

— A tua mulher — interrompe
Margarida Maldonado Freitas,
com quem é casado há 24 anos.

Seguro foi líder da oposição
durante o resgate financeiro do
País e secretário-geral de um
partido fragmentado. Foi presi-
dente da Juventude Socialista
(JS) quando chovia dentro da
sede, cada um pagava as suas
despesas e os materiais de pro-
paganda. Foi ministro de Guter-
res quando já se sabia que
aquele governo tinha os dias
contados. Seguro foi quase tudo

● **Nasceu em casa,
em Penamacor.
O pai tinha
negócios, a mãe
era doméstica**

**PRATICAVA
DESPORTO,
FEZ TEATRO,
CRIOU UMA
ASSOCIAÇÃO
E UM JORNAL
(ANTES DOS
18 ANOS)**

ARQUIVO DE SEGURO



na política, mas também já vi-
veu desligado dela (terminado o
mandato de secretário-geral do
PS, até ficou sem ler jornais e
atender o telefone). Liderou so-
bretudo em tempos de crise.

António José Martins Seguro,
63 anos, nasceu em casa em Pe-
namacor, distrito de Castelo
Branco. É o terceiro filho de Do-
mingos Seguro e Maria do Céu

Martins Seguro. O pai trabalhou
dos 9 aos 81 anos: era dono de
um café, de uma papelaria e de
uma tipografia. Tocava banjo na
Jazz Band de Penamacor e foi
vereador da câmara entre 1982
e 1989. A mãe era doméstica.

A entrevista a Eanes

Seguro cresceu num ambiente
humilde. Em criança, brincava
na rua ao pião e aos berlindes,
ia para o café ver televisão, jo-
gava futebol. Não era um aluno
destacado, mas envolvia-se em
todas as atividades cívicas.
Criou a associação Geração
2000, um grupo de teatro, e
treinou o grupo de ginástica e o
de atletismo.

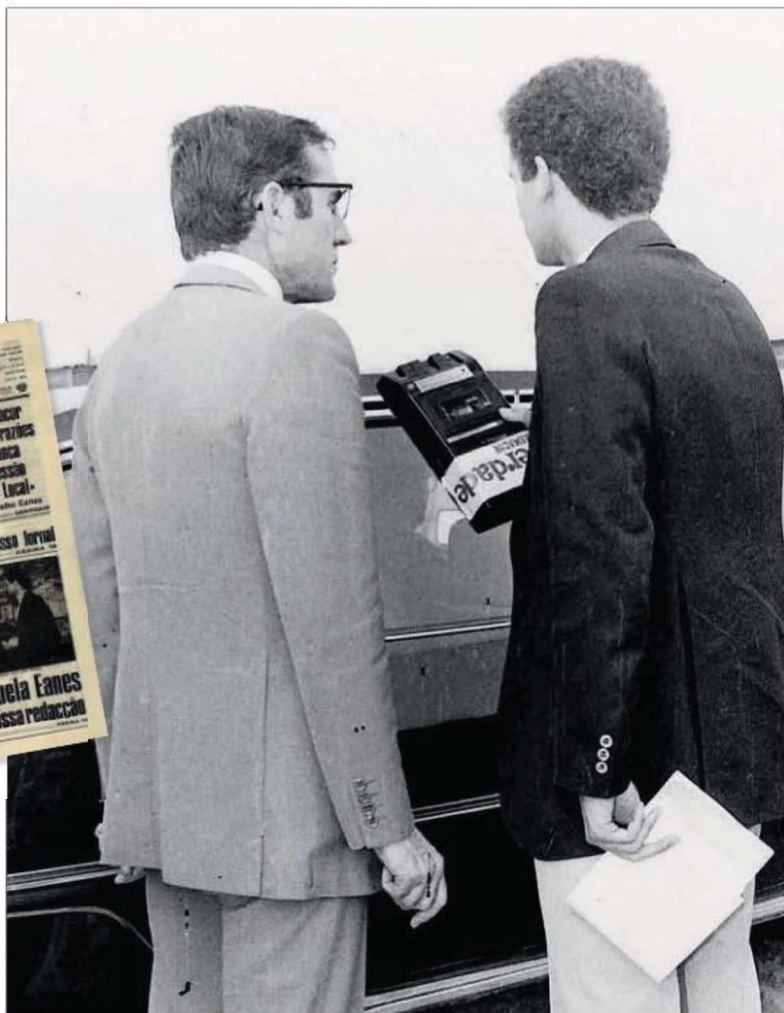
Tinha 15 anos quando se lem-

Jornais

Seguro ia para
a porta da pa-
pelaria do pai
vender livros e
jornais da es-
querda revolu-
cionária, no
pós-25 de Abril



● **Entrevistou
o Presidente
da República
António
Ramalho Eanes
em 1982**



ID: 121529437

12-02-2026



ROQUE DE SEGURO

brou de fazer um jornal com os quatro primos — entre eles, Jorge Seguro Sanches, antigo secretário de Estado da Energia. Convenciam quem passava no Largo da Liberdade a lê-lo a troco de uma gorjeta. Na primeira edição, com três folhas A4, fizeram 17 escudos e cinquenta centavos (nove cêntimos), mas as investigações ganharam dimensão e as queixas surgiram. “Lembro-me de tantas causas às quais demos voz: desde a luta pela abertura permanente da Fronteira Penamacor-Valverde del Fresno, até à colocação de médicos, passando pelo regular abastecimento de água”, escreveu Seguro no seu livro *Compromissos para o Futuro* (2011).

Houve visados nas notícias a alertar Domingos Seguro para o trabalho do filho. O pai sugeriu: ou acabam com o jornal ou o legalizam. “Tozé” — como é conhecido entre familiares e amigos — pediu a duas amigas com 18 anos para ajudarem com o registo na Entidade Reguladora para a Comunicação Social, na condição de estas não interferirem na linha editorial de *A Verdade de Penamacor*.

A brincadeira tornou-se séria: montaram uma pequena redação na Casa do Povo, criaram uma rede de distribuição e Seguro até foi ver aos CTT custos do envio de cópias para o estrangeiro, quando um conterrâneo estava de partida. Assumiu

o cargo de chefe de redação e tinha manha: durante uma visita oficial do Presidente da República António Ramalho Eanes a Penamacor, em 1982, dadas as dificuldades de chegar à fala com o chefe de Estado, optou por “raptar” a primeira-dama. “Não tendo conseguido a atenção imediata do meu marido, este rapaz persistente teve uma ideia muito peculiar: decidiu que me levaria a mim”, testemunhou Manuela Ramalho Eanes na biografia recém-editada de Seguro (*Um de Nós*, de Rui Gomes).

Resultou: Seguro fintou uma lista considerável de pedidos de entrevistas a que o general não respondia e teve a sua mancha. Após 44 anos, Eanes recebeu Seguro no seu escritório numa tarde da segunda volta da cam-

O convite a Cunhal Seguro levou histórico comunista a Penamacor

Álvaro Cunhal começou por se mostrar reticente e só aceitou o convite de Seguro para visitar **Penamacor**, em janeiro de 1995, com a promessa de não ficar para jantar. Seguro era então presidente da Assembleia Municipal e levou o líder do PCP a visitar o concelho onde chegou a estar preso. A meio da tarde,

Cunhal mudou de ideias: “Afim, fico para jantar.”



Com os pais e os dois irmãos mais velhos, Alberto e Luís

“SEMPRE TEVE UMA POSTURA SÉRIA, MAS GOSTAVA DE SE DIVERTIR”. NOS ANOS 80, ERA NA DISCOTECA XAFARIX QUE PARAVA

Militância

Inscreveu-se no PS aos 18 anos inspirado pela família, pelos socialistas espanhóis Felipe González e Alfonso Guerra e por António Guterres

EM 1991, ANDOU PELO PAÍS A DISTRIBUIR 250 MIL PRESERVATIVOS PARA ALERTAR PARA OS CASOS DE SIDA

panha presidencial para lhe dar o seu apoio.

A Verdade de Penamacor existiu durante cinco anos. Imprimiu a última edição quando Tozé rumou a Lisboa para estudar gestão de empresas no ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa.

“Segurança” de Rushdie

O Tozé estudante universitário vestia-se como o adulto, “com pullover e camisa por dentro”, recorda o socialista Álvaro Beleza, que o conheceu na preparação da campanha presidencial de Mário Soares de 1986. “Sempre teve uma postura séria, mas gostava de se divertir”, continua. Parava muito à noite na discoteca Xafarix, do vocalista e guitarrista dos Trovante, Luís Represas, de quem continua a ser amigo. De dia, dedicava cada vez mais tempo à política (a meio do terceiro ano tinha desistido do curso por este motivo). Beleza e Francisco Assis, entre outros, incentivavam-no a lançar-se à liderança da JS. “Tinha uma grande capacidade de se relacionar com as pessoas”, aponta o eurodeputado do PS, Assis.

As ideias de hoje também já lá estavam: “Chegou a altura de os portugueses esquecerem o imediato. Temos de fazer um pacto onde as pessoas olhem mais longe.” Estas palavras disse-as numa entrevista à RTP, em janeiro de 1988. Era coordenador do Conselho Nacional da Juventude.

Dois anos depois, no VII Congresso Nacional da JS, em Troia, foi eleito líder. Na agenda tinha o fim do serviço militar obrigatório, a defesa da autodeterminação de Timor, estágios remunerados, acesso à habitação... E recebeu uma JS “sem implantação nacional, sem capacidade financeira. Nem uma fotocopiadora tínhamos”, recorda Rui

ID: 121529437

12-02-2026

► Pereira, que integrou o secretariado de Seguro.

Chovia na sede na Rua do Salitre, as despesas das iniciativas eram pagas do próprio bolso e ainda cobriam as de quem não tinha a mesma capacidade, além do valor do *merchandising* político. “Era tudo a fundo perdido, mas ele metia a malta toda a participar. Quando saímos [da liderança em 1994] havia uma boa sede e estruturas distritais”, continua Rui Pereira.

Seguro começou a dar nas vistas nestes anos. Logo na campanha das Legislativas de 1991, de Jorge Sampaio, teve a ideia de distribuir rosas com a inscrição “deixa-me seduzir-te”, com um preservativo no centro, para chamar a atenção para o aumento dos casos de sida. Andou pelo País e entregou cerca de 250 mil preservativos na eleição em que, no fim, Cavaco Silva levou a melhor.

No ano seguinte, Tozé foi preso por umas horas em Espanha: participava numa manifestação, durante a Expo 92, em Sevilha, em defesa do povo de Timor-Leste, depois do massacre de Santa Cruz, onde morreram centenas de pessoas. Seguro foi levado para a esquadra no meio da confusão – conta um elemento da JS presente –, mas quando mostrou os documentos ao guarda civil revelou-se o feliz acaso de serem quase vizinhos (o polícia era de Valverde del Fresno, a 30 quilómetros de Penamacor) e até tinham amigos em comum... Seguro foi libertado ao fim de umas horas.

O grande evento da sua liderança na JS terá sido a organização do Festival da IUSY – International Union of Socialist Youth, em julho de 1993. Juntou cinco mil jovens, de 70 nacionalidades, num acampamento nos



jardins do Palácio de Cristal, no Porto. A rede de contactos de Seguro então já era considerável (foi presidente do Fórum da Juventude da União Europeia entre 1989-93): “Recebemos a nata da nata mundial dos dirigentes socialistas. O Tozé até já tinha o contacto do François Mitterrand [Presidente de França de 1981-95]”, recorda Rui Pereira.

Para surpresa até dos organizadores, o agora Presidente da República eleito conseguiu falar com o escritor britânico de origem indiana Salman Rushdie, que havia recebido do líder do Irão em 1989 uma *fatwa* (sentença de morte), na sequência da publicação dos *Versículos Satânicos*. O escritor com a cabeça a prémio estava desaparecido fazia quatro anos quando Seguro convenceu Rushdie a falar, pela

Com Salman Rushdie, Mário Soares e António Guterres no Festival da IUSY, em julho de 1993

Governo

Conciliou o cargo de ministro-adjunto com a licenciatura em Relações Internacionais seis meses (2001)

Deputado 6 vezes

Eleito a primeira vez em 1991 e a última em 2011

Líderou o grupo parlamentar do PS entre 2004 e 2005. Deixou quando **José Sócrates** foi eleito secretário-geral. Seguro passou a sentar-se na última fila do plenário. Naque-la altura, votou sozinho contra a alteração da Lei do Financiamento dos Partidos Políticos e das Campanhas Eleitorais, que a tornava mais permissiva.

primeira vez, em público.

“Deveu-se tudo aos contactos dele, mas, como foi em cima da hora, o Cavaco Silva ficou em pânico e disse que não havia enquadramento nacional para garantir a segurança dentro do perímetro. Só fora”, continua Rui Pereira, designado um dos responsáveis pelo sistema de segurança da IUSY. Seguro reuniu-se a sós com Rushdie, que aceitou, já em Portugal, o corpo de paz improvisado pela “jota”.

“Revistávamos toda a gente à entrada. Comprámos uns rádios para dar a ideia de uma coisa profissional. Tudo malta que nunca tinha pegado numa arma. Certo é que enchemos o Palácio de Cristal, não houve problema nenhum e o Rushdie lá deu a palestra”, acrescenta o “segurança” Rui Pereira. A imprensa nacional e internacional deu destaque ao feito e o escritor deixou a Seguro um postal autografado: “Ao António, que nunca dormiu enquanto eu estive em Portugal.”

Margarida e as Caldas

No último dia do Congresso em que deixou a liderança da JS, em março de 1994, na Figueira da Foz, Tozé conheceu Margarida. António Galamba – amigo de toda a vida de Seguro, padrinho de casamento e braço-direito nas lutas socialistas – fez as apresentações, nos corredores do encontro. Margarida Maldo-

“AO ANTÓNIO, QUE NUNCA DORMIU ENQUANTO EU ESTIVE EM PORTUGAL”,
-LHE RUSHDIE

ID: 121529437

12-02-2026

nado Freitas, 54 anos, havia sido eleita naquela reunião para a comissão política da JS.

Seguro e Margarida estão juntos desde então e têm dois filhos, Maria e António. Casaram-se no início de setembro de 2001 e comemoram sempre esta data rodeados de amigos nas férias em Porto Covo. A tradição banhar-se foi herdada da família de Margarida – uma família de convictos republicanos das Caldas da Rainha, envolvidos na luta antifascista, que se dedicaram ao negócio das farmácias, e nas últimas gerações com ligações ao PS. “O pai de Mário Soares tinha uma relação muito próxima com o Custódio Maldonado Freitas, o bisavô da Margarida. Estavam unidos pelo anticlericalismo e pelo republicanismo”, conta o socialista Vítor Ramalho, que conhece as duas famílias. “Quando o pai de Mário Soares [João Lopes Soares] esteve preso nos Açores, os bisavós da Margarida ficaram com o Mário Soares um ano em casa, nas Caldas da Rainha”, continua.



Margarida cresceu num ambiente politizado (o pai foi deputado), mas escolheu dedicar-se às duas farmácias que herdou (motivo pelo qual Seguro assinou sempre, como deputado, uma declaração de interesses quando se debatia este setor na Assembleia da República). “A Margarida integrava as listas [da concelhia das Caldas] em lugares de pouco destaque. Participava, mas dedicou-se mais ao associativismo”, aponta José Miguel Medeiros, antigo líder da comissão política da distrital de Leiria.

▲ Fez parte do *inner circle* político de Guterres, foi seu secretário de Estado e ministro-adjunto

CONHECEU A MULHER NAS FILEIRAS DA JS, A POUCOS DIAS DE FAZER 32 ANOS. ESTÃO JUNTOS DESDE ENTÃO

Foi por Margarida que Seguro se mudou para as Caldas da Rainha, desde que se casaram, em 2001, e não alterou a residência independentemente dos cargos em Lisboa (e assim deverá continuar). A exceção foram meia dúzia de dias em Bruxelas: Seguro foi eurodeputado entre 1999 e 2001 e depois do dia do casamento Margarida fez as malas para se juntar ao marido, mas a situação inverteu-se e afinal foi Seguro que regressou a Portugal. O então primeiro-ministro António Guterres via-se a braços com uma crise política e telefonou a Seguro a dizer “preciso de ti aqui”. Seguro deixou o Parlamento Europeu (onde foi o único português correlator de um tratado da União Europeia, o de Nice) pelo lugar de ministro-adjunto por apenas alguns meses.

Seguro sabia que a governação estava presa por arames, mas não negou o pedido de ajuda do amigo e mentor. O agora Presidente eleito identificou-se com o estilo de Guterres desde a primeira hora, fez parte do seu *inner circle* político quando eleito secretário-geral do PS (1992). E foi um dos três jovens colocados estrategicamente no governo de Guterres de 1995 para provar o seu valor: António José Seguro ficou com a secretaria de Estado da Juventude e Desporto; António Costa com a dos Assuntos Parlamentares e José Sócrates com a do Ambiente.

A competição entre estes três alimentou anos de política partidária socialista. Foram marcados como futuros líderes. O primeiro a atingir o objetivo foi Sócrates, que convidou Costa para ser o seu número dois. Seguro ficou fora do núcleo do partido e do Governo, arrastando-se para a última fila do plenário parlamentar. Falava pouco, e



◀ Na campanha das Legislativas de 1991, com Jorge Sampaio

ID: 121529437

12-02-2026

passou a dedicar-se a assuntos de ética e transparência.

Em tertúlias organizadas no restaurante Martinho da Arcada, Lisboa, Álvaro Beza ia picando Seguro com a ideia de ser candidato à liderança do PS: “Lembro-me de um almoço que eu tinha marcado para tratarmos de o tornar líder, mas a filha dele [Maria] tinha nascido há pouco tempo e ele não conseguia ver mais nada à frente, só queria falar sobre ela.”

Um partido dividido

Seguro ficou à espera. Deixou passar os primeiros tempos de Maria e a governação de Sócrates, que terminou com o pedido de assistência financeira externa e eleições. O PS perdeu a ida às urnas em junho de 2011 e Pedro Passos Coelho tornou-se primeiro-ministro. Como Seguro admitia na conversa citada no início deste texto, muitos o aconselharam a guardar-se para uma altura melhor (incluindo a mulher). Fez telefonemas, teve conversas, mas depois isolou-se para decidir. E decidiu avançar.

Francisco Assis não o deixou a falar sozinho, para “grande incredulidade” de Seguro, conta um amigo em comum. A amizade da década de 80 azedou, mas Assis desvaloriza: “Foi só a disputa interna, depois do congresso houve entendimento e ele não teve dúvidas de me convidar para fazer parte do secretariado nacional.”

Durante três anos, Seguro liderou um partido dividido, relegado para a oposição, num País em crise. Tinha o ónus de ter sido o PS de Sócrates a chamar a troika – e o Governo de Passos não o deixava esquecer isso no parlamento. A estratégia de Seguro foi pôr “o interesse na-



MIGUEL BALSEMÃO

cional” à frente e não inviabilizar a governação do PSD com o CDS, o que lhe valeu críticas sonoras das elites do seu partido e no grupo parlamentar (ainda escolhido por Sócrates), que o consideravam demasiado chegado à direita. Logo no Orçamento do Estado de 2012, Seguro anunciou uma “abstenção violenta”, mas “construtiva” (que não era aritmeticamente necessária para a proposta orçamental ser aprovada), difícil de engolir à esquerda.

Seguro precisava de silêncio para pensar e trabalhar, e por isso, na sede do PS no largo do

⬤ Durante o resgate da troika preferiu não ser obstáculo à governação de Passos. Foi criticado por isso

ARREPENDE-SE DE TER FICADO CALADO DURANTE AS NEGOCIAÇÕES DO “ACORDO DE SALVAÇÃO NACIONAL”

Rato, transferiu o gabinete de secretário-geral para o sótão, conta um colaborador. Trabalhar com ele era “exigente”: “É pouco plástico e muito humano”, descreve quem o acompanhou naqueles tempos no Rato. Era “difícil de acompanhar. É perfeccionista e teimoso. Estuda muito, tem boa memória e bom humor, mas quer saber tudo o que há para saber sobre um assunto e pode tornar-se difícil”.

Os militantes gostavam dele, recorda o socialista Miguel Teixeira, que fez parte dos órgãos do partido na liderança de Seguro. “Ouvia os militantes todos. Com ele, as reuniões eram sempre mais longas, porque havia debate, e punha a ética acima de tudo.” Ainda assim, Seguro era visto por outros como um líder fraco: “Muito educado, mas pouco habilidoso ao nível partidário. Conhecía os militantes pelo nome, sabia as datas de aniversário de muitos, mas era demasiado correto num combate muito difícil”, aponta outro dirigente socialista, que viria a apoiar Costa na disputa contra Seguro.

As críticas tornaram-se mais sonantes, em junho de 2013,



BRUNO COLAÇO

▶ Na noite em que deixou a liderança do PS e a política. Durante 11 anos não fez intervenções públicas

ID: 121529437

12-02-2026



Escolheu os materiais e vigiou a construção das casas que comprou em Penamacor

quando Seguro aceitou sentar-se à mesa com o PSD e o CDS, a pedido do então Presidente da República, Cavaco Silva, para chegarem a um acordo de “salvação nacional”. O objetivo era garantir o cumprimento do programa da troika até ao fim; haveria eleições antecipadas em junho de 2014 e quem perdesse apoiava o vencedor.

Seguro escolheu ficar uma semana calado sobre as negociações – atitude de que se arrepende, admite na sua biografia. Se pudesse voltar atrás teria feito um ponto de situação diário, assume. Como não o fez, outros ocuparam esse espaço mediático: seguiu-se um desfile de acusações por estar alegadamente a estender a mão a Passos. Mário Soares disse mesmo que se Seguro assinasse aquele acordo haveria uma “cisão dentro do PS”. António Costa recolhia espingardas e questionava a liderança de Seguro, desafiando-o a antecipar eleições.

António José Seguro não assinou o documento, mas “abriu a porta ao suicídio político”, descreve um destacado militante. Antecipou as eleições internas e perdeu o partido para António Costa. Naquela noite, Seguro desceu a escadaria do Rato la-deado pela mulher e pela filha; entraram os três no carro e Se-



guro foi “fazer-se à vida”.

Duas fontes relataram à SÁBADO que, em privado, Pedro Passos Coelho reconhece frequentemente em almoços e conversas o papel “patriótico e o sentido de Estado” de Seguro. Álvaro Beza assume que, no jantar de

“A minha mulher é uma empresária independente, uma mulher com vida própria”, disse Seguro na noite eleitoral

O que dizem dele?

É um amigo dedicado e um vizinho presente

O Tozé é presente, “genuíno” e “corretíssimo”, descrevem-no os amigos. “Só há uma situação em que perde a calma: quando o **Benfica** perde”, contou o amigo Vítor, à SÁBADO, em setembro. Os vizinhos da frente dizem: “Na Covid, andou a deixar o número dele a todos, caso precisássemos de algo.”

ESTEVE 11 ANOS FORA DA POLÍTICA. PRODUZIU VINHOS E AZEITE E DEU AULAS NA UNIVERSIDADE

despedida da política que Seguro organizou a seguir no Pátio Bagatela, lhe disse algo como “temos de pensar na Presidência”. Todavia, Seguro (ainda) não queria pensar sobre Belém.

Voltar às origens

Depois de 30 anos na política, Seguro reinventou-se. Comprou quatro casas em Penamacor e transformou-as em alojamento local. Criou uma *startup* com um ex-aluno na área da investigação sobre segurança alimentar.

E foi aprender sobre vinha. Refugiou-se um mês em Porto Covo e levou para a beira-mar um bloco onde ia tomando notas dos conselhos de um amigo que produzia vinho para dar corpo ao seu Serra P (em homenagem ao pai e a Penamacor). Fez queijos, azeite e vinhos e andou a transportá-los pelo País na bagageira do seu carro. Passou a levar os filhos à escola. Terminou o mestrado em ciência política com 18 valores e inscreveu-se no doutoramento (em curso). Voltou a dar aulas sobre políticas públicas na universidade. “Não é propriamente o mais generoso a dar notas, mas é adequado ao grau de exigência”, apontava uma ex-aluna que teve de repetir a sua cadeira no ISCTE, a uma reportagem da SÁBADO publicada em 2018. Em geral, os alunos gabam-lhe o modelo de aulas aberto ao debate.

Nestes afazeres, somou 11 anos afastado da política. “Afastei-me quando podia dividir. Volto agora para unir”: foi assim que se apresentou à Presidência, a 15 de junho de 2025, no Centro de Congressos das Caldas da Rainha. O mesmo lugar onde no último domingo, 8, foi eleito Presidente da República com um resultado histórico. **■**

SÁBADO

N.º 1137 - SEMANAL - 12 A 17 DE

FEVEREIRO DE 2026 - €4,40 (CONT.)

www.sabado.pt



REPORTAGEM EXCLUSIVA

SEGURO A VITÓRIA DO HOMEM “NORMAL”

Treinou um grupo de ginástica, criou um jornal e entrevistou Eanes, foi “segurança” de Salman Rushdie, andou a distribuir preservativos e foi preso em Espanha por defender Timor. A vida do novo Presidente e o que quer fazer: ouvir as pessoas, falar pouco e ser fiel a Montenegro

António José Seguro fotografado pela **SÁBADO** na Foz do Arelho, no dia das eleições

“TACHOS” AUTARCAS DO CHEGA EMPREGAM FILHAS, NAMORADAS, IRMÃS E PRIMAS

CASO RARO NO MUNDO CARMEN TEM DIABETES HÁ 75 ANOS

“A TEIA DE NEGÓCIOS DO CUNHADO DO MINISTRO” — DIREITO DE RESPOSTA DE RICARDO MACHADO